

GRUTA DOS ESTUDANTES

(Comunicação da Sociedade Excursionista e Espeleológica dos Alunos da Escola Nacional de Minas e Metalurgia da Universidade do Brasil ao Conselho Nacional de Geografia)

No livro de apontamentos da Sociedade Excursionista e Espeleológica consta a descrição da Gruta dos Estudantes, perto de Poções, município de Sete-Lagoas, Estado de Minas-Gerais. Foi pela primeira vez visitada pela S E E, na primeira excursão que efetuou, em 31 de janeiro de 1938.

A S E E batizou com este nome, uma gruta até então desconhecida.

Começa por um grande buraco situado perto de Poções. Conta o caboclo ALTINO DOMINGUES MARTINS que há 5 anos atrás o seu boi *Vila-Nova*, caiu nesse buraco que sendo tão profundo nem os urubus perceberam o mau cheiro.

A abertura da gruta tem 6 m x 4 m e hoje está defendida por uma cerca de arame, para evitar novas perdas de reses.

De um lado da abertura há uma pedra que avança para o meio do abismo. Trepados aí, fizemos descer um cordel com sonda para medirmos a profundidade. A sonda parou a mais de 40 metros de profundidade. Amarramos ao cordel uma lanterna e fizemo-la descer para observarmos o poço: ela passou por uma plataforma a uns 20 metros de profundidade e depois por uma segunda plataforma situada do lado oposto à primeira, a uns 35 metros de profundidade e enfim aos 43 metros a lanterna tocou o fundo do poço.

Vista de cima, com seu movimento de pêndulo, a lanterna escondia-se ora atrás da primeira plataforma, ora atrás da segunda que lhe fica oposta.

Tratamos de descer depois de feita a sondagem. Dispúnhamos de 5 trechos de escada de 10 metros cada um e todos eles seriam necessários.

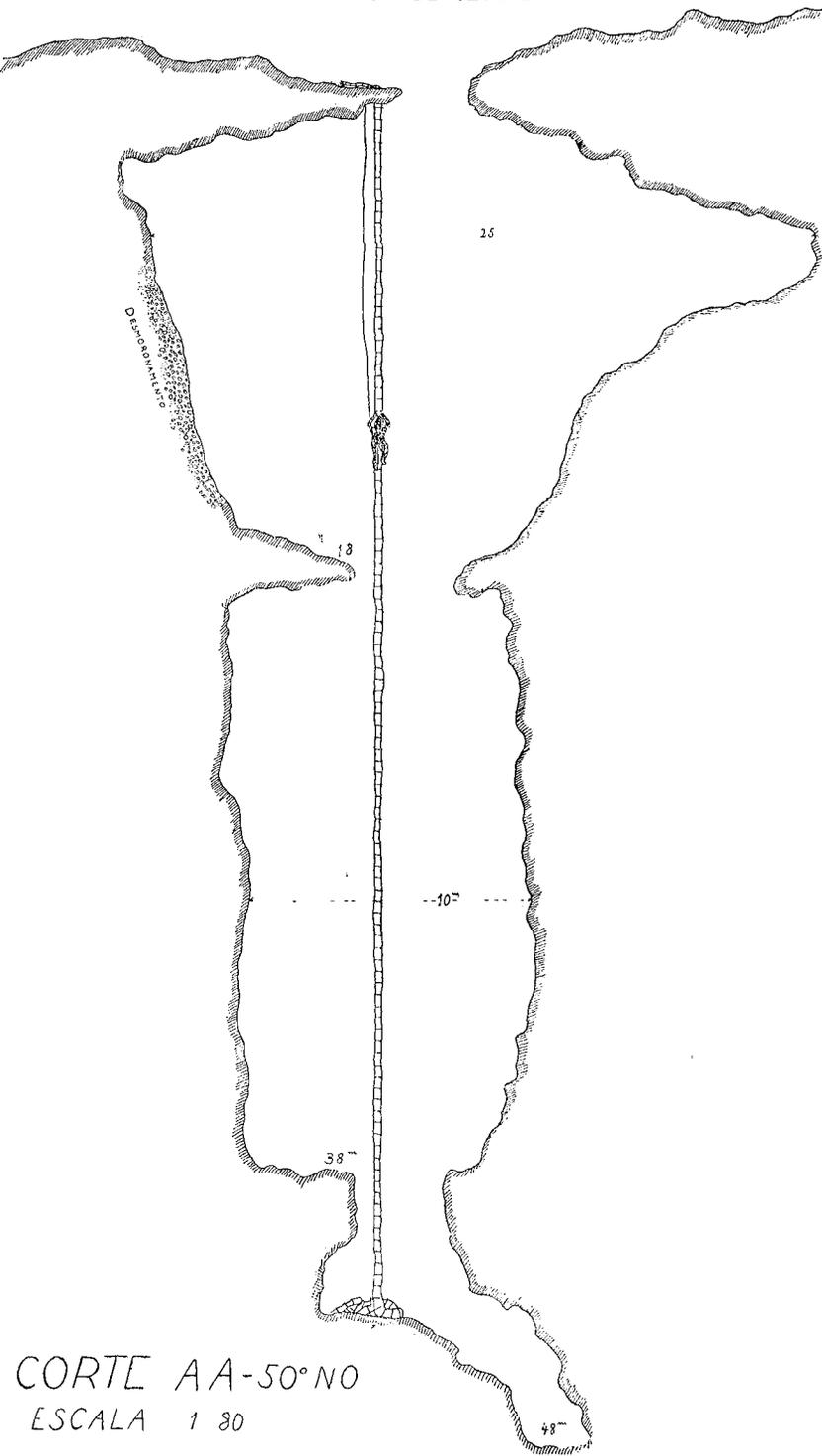
Amarramos uma extremidade da escada a uma árvore que fica perto do poço e trepados em cima da tal pedra que avança para o meio do abismo, fomos descendo a outra extremidade da escada até que ela tocasse o fundo. Começamos em seguida a descida, batizando nossos 50 metros de escadas numa gruta que nós mesmos descobrimos.

O poço começa pela abertura de 6 metros x 4 metros, alonga-se segundo AA (vêde desenho anexo), depois vai estreitando até que aos 18 metros de profundidade fica com 5 metros x 1,5 metros, depois alonga-se novamente, mas segundo BB. São pois 2 salões superpostos, alongados em sentidos perpendiculares e que se comunicam por uma estreita fenda de 5 metros x 1,5 metros. Essa fenda fica na própria vertical da boca de entrada. Em torno dela há uma plataforma que é o assoalho do salão superior, e que sustenta muita terra proveniente do desmoroamento de uma das paredes do salão superior.

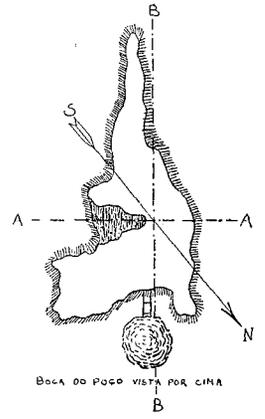
O salão de cima tem 25 metros x 6 metros de secção e o inferior 30 metros x 10 metros (comprimento e largura).

Descemos todos pela escada até a primeira plataforma. O caboclo ALTINO serviu-nos de auxiliar e fez descer o material com o cordel. Em seguida descemos ao salão inferior, maior. Aos 38 metros de profundidade passa-se ao lado da segunda plataforma, onde se pode descer, dando à escada um movimento de pêndulo. O final da escada repousa aos 43 metros mas o poço continua ainda por um caminho inclinado que desce até os 48 metros, ponto final do poço. Nesse caminho inclinado estavam espalhados os ossos do *Vila-Nova* cujo chifre o caboclo ALTINO puxou para cima preso na argola que havia na ponta. O salão inferior continua no sentido da sua maior dimensão, isto é, segundo BB, por 2 corredores. O corredor da direita vai para o lado de Poções, é bastante acidentado, tem 15 metros de altura por 3 a 4 de largura. Sua extensão é de 200 metros. As partes desse corredor são ornadas com lâminas calcáreas pendentes do teto sob a forma de cortinas. O solo é em declive e desde até uns 60 metros abaixo da boca do poço. Logo depois a altura do corredor reduz-se a 10 metros e começa-se a subir. Nesta parte o corredor tem a direção 85 NE. Mas adiante a altura do corredor é de 5 metros somente. Achamos aí um crânio pequeno, recoberto por uma camada de calcita, e que infelizmente partiu-se durante a viagem. Perto do fim do corredor há uma plataforma formada por uma cascata sólida, onde encontramos água muito fresca. A medida que se avança por esse corredor, a gruta se mostra cada vez mais rica em cortinas e em estalagmites até terminar por um conjunto de cortinas e folhas calcáreas tendo ao lado um nicho onde há grande abundância de estalagmites excêntricas, muitos de calcita transparente, como as que se encontram em Maquiné.

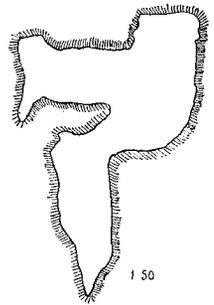
GRUTA DOS ESTUDANTES
MUN DE SETE LAGOAS - MINAS



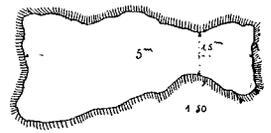
CORTE AA-50°NO
ESCALA 1 80



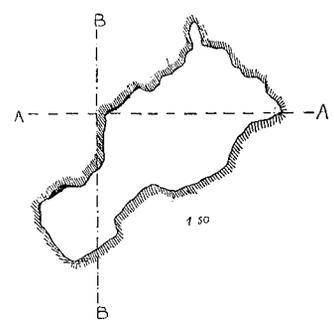
Boca do Poço Vista por Cima



Boca do Poço Vista por Baixo

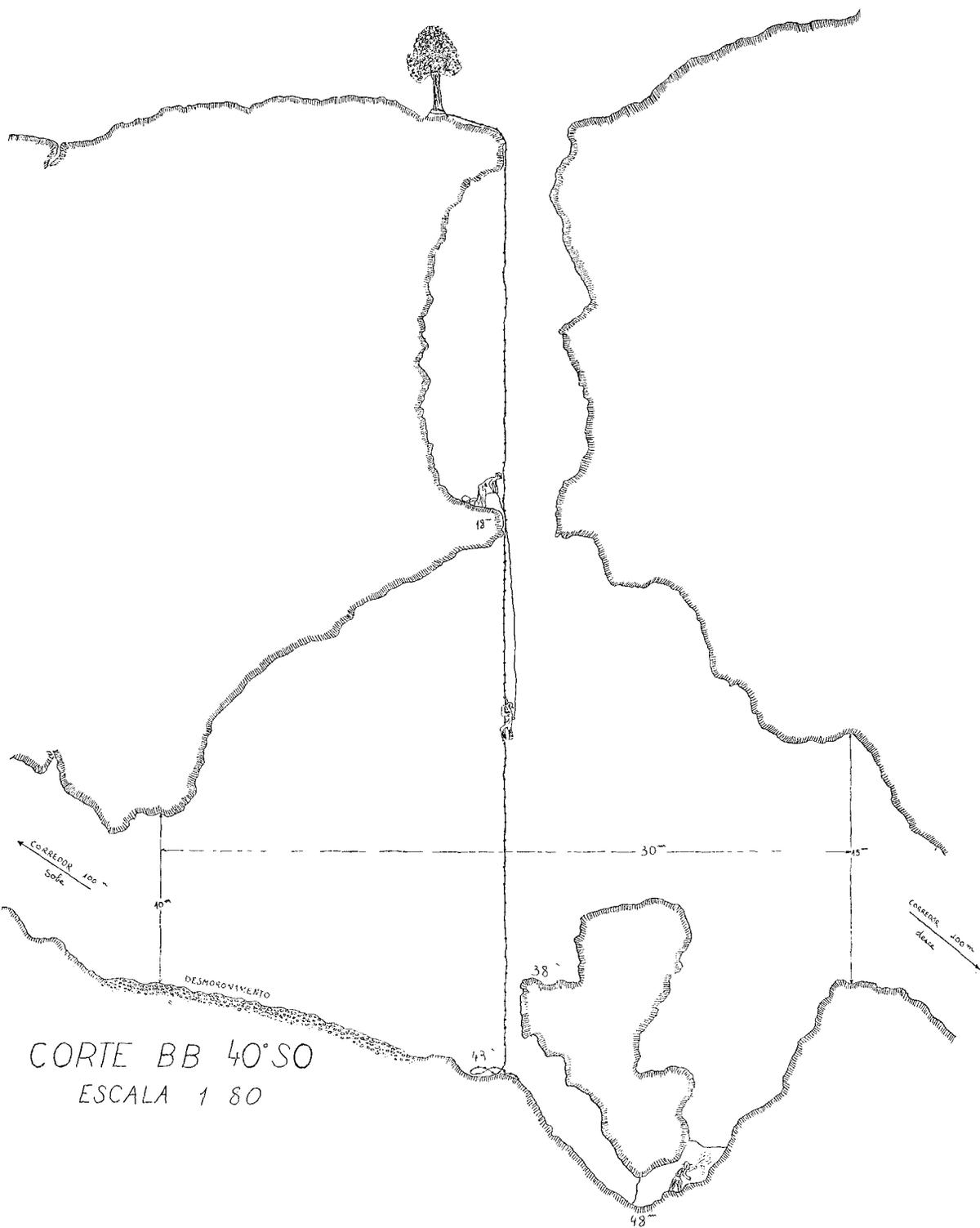


Boca Inferior Vista por Cima



Boca Inferior Vista de Baixo

Des ANTÔNIO UCHOA BITTENCOURT — O P 21-6-45



Cópia ANTÔNIO UCHOA BITENCOURT

Esse corredor, embora grande, não tem ramificações notáveis; a não ser uma em que ROLFF encontrou uma massa parecendo de ossos decompostos, que se pulverizam quando tocados. Como já era tarde deixamos a visita do outro corredor para o dia seguinte. Tanto a operação de armar a escada e descer como a operação contrária foram demoradas — exigiam quase 2 horas. Porisso sobrava muito pouco tempo para correr a gruta.

1 de fevereiro de 1938

Visitamos o corredor que se dirige para o lado oposto de Poções, isto é, o da esquerda.

O corredor da esquerda tem uma altura de 10 metros. Sobem-se até ele por meio de um monte de terra desmoronada. Quem sobe nesse lugar e repara bem no teto vê uma luz muito pálida num determinado ponto. A esse ponto vem ter um canal que começa no exterior por um orifício situado a 10 metros da entrada da gruta.

Mandamos jogar nesse orifício uma pedra e ela veio rolando com estrondo pelo canal até cair no meio do corredor em que estávamos. A largura do corredor é de 4 metros e sua direção é de 45 SO. Continua-se subindo pelo desmoronamento até uns 10 metros acima do ponto onde repousou a escada. As paredes são revestidas por cortinas formadas por fôlhas calcáreas às vezes de quase 1 metro de largura. Dez metros além do corredor inclina-se para a direita e outros 10 metros depois para a esquerda. Até aqui o solo é formado por desmoronamentos. Subiu-se já 15 metros e a gruta começa a ser bela. O corredor tem agora o solo coberto de cascatas sólidas e apresenta para a direita um declive que desce até uma pequena plataforma tendo na parte inferior uma fenda baixa e larga, onde há grande abundância de estalagmites. O fim desse declive, é um buraco que está tapado por um grande bloco de calcáreo desmoronado. O corredor continua subindo sempre, com a direção 30 SO, até terminar por um paredão vertical de 8 metros de altura. A extensão total do corredor é de 100 metros. Essa parte final do corredor é muito ornada por concreções, que afetam às vezes a forma de um púlpito, em cuja parte inferior estão dependuradas as lâminas calcáreas, as quais quando pequenas parecem orelhas de burro e quando maiores se dividem em duas lâminas distintas. Os púlpitos estão bem próximos do teto e estão em relêvo, avançando para o corredor. Neste lugar o teto é coroado por formações irregulares de bellissimo efeito. No chão encontramos pedras ovóides e transparentes, que perdem a beleza quando trazidas fora da gruta.

No lado esquerdo do paredão citado há uma passagem muito difícil que dá acesso a um lugar que fica à altura do teto. Não é grande esse lugar, mas é notável pelos tons coloridos que têm as estalagmites. Somente é difícil subir até lá e muito mais difícil descer. Olhando bem de frente o paredão final do corredor vê-se à direita, num ponto em que o assoalho baixa bastante, um pequeno orifício que continua por um túnel estreito e tortuoso, o qual desce até que uns 5 metros abaixo termina num salão pequeno com belas estalagmites de notável brancura.

Depois desse salão, caminhando sempre para a direita em uma passagem apertada, desce-se mais uns 8 metros até chegar a um outro salão que logo na entrada apresenta no teto estalactites arborescentes, parecendo às vezes musgos presos à parede.

Do lado oposto ao da entrada, o salão está bastante desmoronado e a terra está úmida.

Enquanto escrevamos no caderno de notas observamos que a chama da lanterna de carbureto se extinguiu e é possível que isto fôsse devido à existência do CO^2 nesse lugar, por isso fugimos apressadamente. É possível que o CO^2 que apagava a chama fôsse o que provém da combustão do acetileno da lanterna. Mas o tempo que nos demoramos nesse salão certamente não bastava para impregná-lo de CO^2 , embora o salão fôsse pequeno.

Suspeitamos que esse lugar, a 100 metros do fundo, o poço de entrada da gruta esteja em relação com uma pequena lagoa que vimos na encosta do morro onde está situada a gruta. Essa relação da gruta com a lagoa exterior explicaria o fato de termos encontrado terra úmida e também a existência do CO^2 , que pode ser proveniente da decomposição de matéria orgânica contida na água.

Tomaram parte nesta excursão os seguintes alunos, atuais engenheiros de minas e civis: SANDOVAL CARNEIRO DE ALMEIDA, MURILO ABREU, VÍTOR DEQUECH e PAULO MARQUES DE ALMEIDA ROLFF.

Antônio Uchoa Bittencourt
1.º Secretário